

## **OS NATIVOS DIGITAIS E O ENSINO SUPERIOR MILITAR: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA**

Miguel Carlos Damasco dos Santos

Associação Educacional Dom Bosco - Resende - RJ

[damasco@resenet.com.br](mailto:damasco@resenet.com.br)

SUBTEMA: Sociedade Contemporânea

CATEGORIA: Comunicação Científica

### **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados de um estudo referente ao aluno digital e sua entrada numa instituição de ensino superior. Inicialmente, procurou-se o embasamento conceitual referente ao termo nativo digital para entender os principais aspectos da geração nascida após o surgimento e utilização da Internet de forma global. A seguir, constatou-se a existência de paradigmas rígidos existentes nas salas de aula universitárias formais, com suas fronteiras físicas e restrições de comportamento que criam ambiente negativo para o interesse, a motivação e a construção do conhecimento. Levantou-se a questão do professor como um imigrante digital, sendo necessária uma mudança de atitude e de perfil para entender a geração Internet e seus reflexos na prática pedagógica. Nesse contexto, o ensino superior militar é interpretado à luz de suas particularidades e especificidades, além da sua busca pela modernidade e excelência de ensino. Destaca-se que o estudo utilizou referenciais teóricos encontrados em ambientes de interação e informação usados pelos nativos digitais, procurando mergulhar no mundo digital apoiado pelo ciberespaço. O artigo apresenta-se na forma hipertextual, escapando da linearidade, buscando maior aproximação com o tema.

**Palavras-chave:** Cibercultura, Ensino superior militar, Nativos digitais.

### **1. INTRODUÇÃO**

Atualmente, vivemos num mundo em constante avanço tecnológico que influencia todos os ramos de atividades, impactando de maneira concreta nossa forma de relacionamento com os outros e com o conhecimento. Com o surgimento da Internet e sua exploração de

forma global, criou-se um espaço virtual, por onde circulam fluxos eletrônicos de dados, conhecido como ciberespaço<sup>1</sup>. Este ambiente proporcionou a junção da tecnologia com a sociabilidade, criando uma nova cultura: a cibercultura<sup>2</sup>.

Nesse contexto, aparecem os “nativos digitais”, conceito criado por Mark Prensky<sup>3</sup> que designa todo aquele que nasceu nesse período e se aproveita de todos os aparatos tecnológicos no seu cotidiano. Conforme Fábio Tagnin:

Não é preciso ir muito longe para afirmar o que diversos estudos confirmam: que os hábitos dos jovens de hoje são muito diferentes daqueles dos seus pais e professores. Eles vêm sendo chamados de “nativos digitais”, que aderem de maneira transparente e automática às tecnologias emergentes, enquanto os adultos são chamados de “migrantes digitais”, aqueles que precisam adaptar-se – não sem alguma dificuldade – às novas ferramentas e novas formas de fazer as coisas. (TAGNIN, 2008, s. p.)

A quantidade de opções para conexão existentes e utilizadas cada vez mais pelos nativos digitais é impressionante. Estão o tempo todo com várias ferramentas tecnológicas à disposição e, em sua maioria, aprendem com certa facilidade o uso dos novos recursos.

No âmbito educacional, já se notam os reflexos nos ensinamentos fundamental e médio da chegada dos nativos digitais em seus ambientes educacionais. Nossas escolas formais e presenciais, em sua maioria, ainda fazem pouco investimento no que se refere aos aparatos tecnológicos e sua aplicação nas atividades de ensino, seja pelo aspecto financeiro ou pouco conhecimento de sua utilização, seja pela resistência ou pouco preparo de um dos principais personagens no processo: o professor, imigrante digital.

Assim sendo, existe uma preocupação com a chegada dos nativos digitais nas instituições de ensino superior e sua formação para o mercado de trabalho. Este artigo mostra que a questão acima deve ser enfrentada com conhecimento sobre o estudante digital e preparação do professor, tudo para possibilitar maior aproximação do novo discente, diminuindo sua frustração e se enquadrando num ambiente contemporâneo sem retorno.

## 2. PESQUISA

O objetivo geral foi estudar as características dos nativos digitais, moldados pela cibercultura da sociedade tecnológica contemporânea, analisando os possíveis reflexos na motivação e na construção do conhecimento desses alunos no ambiente educacional do ensino superior formal, com seus paradigmas rígidos e suas especificidades.

---

<sup>1</sup> Ciberespaço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberespa%C3%A7o>

<sup>2</sup> Cibercultura: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cibercultura>

<sup>3</sup> Digital Natives, Digital Immigrants: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Como objetivos específicos podemos citar:

- interpretar os diversos conceitos existentes sobre o termo nativo digital e suas características principais voltadas para a conectividade na cibercultura;
- levantar aspectos considerados “analógicos” no processo didático-pedagógico do ensino superior formal que podem gerar desequilíbrio na aprendizagem; e
- apresentar possíveis soluções para buscar maior motivação e aproximação do aluno digital com o processo educacional do ensino superior militar.

Quanto à metodologia empregada, destaca-se que o estudo utilizou referenciais teóricos encontrados em ambientes de interação e informação usados pelos nativos digitais, tais como Blog, Google, Grupo de Discussão, MSN, Orkut, Site, SMS, Twitter, Wikipédia, procurando mergulhar no mundo digital apoiado pelo ciberespaço.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na qual procurou-se levantar os sites da Internet que apresentavam o tema proposto e que respondiam aos problemas formulados, foi feita uma revisão crítica da literatura de forma metodológica buscando identificar a validade dos artigos, e por fim um fichamento das informações.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho.(...) É imprescindível, portanto, antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão. (AMARAL, 2007, p. 5)

A pesquisa utilizada foi a qualitativa, buscando entender em profundidade o fenômeno. Ao invés de regras, trabalhou com descrições, comparações e interpretações.

Parte desta pesquisa foi apresentada no IV Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação, em 2009, na Associação Educacional Dom Bosco – Resende, RJ.

### 3. NATIVOS DIGITAIS

Como conceito de nativo digital<sup>4</sup>, Miriam Salles cita Ismael Peña-López<sup>5</sup>:

As gerações nascidas nas últimas décadas cresceram com a internet, videogames, Cds, vídeos, celulares, etc. Estas tecnologias já estavam aqui quando eles nasceram e por eles foram incorporadas com naturalidade, da mesma forma como o fizeram as gerações anteriores com os carros e TVs. Este fato implica, não somente que esta geração tenha total familiaridade com as tecnologias digitais, “daí a denominação nativos digitais” como também, baseando-se em estudos das neurociências, sua forma de pensar, e mesmo a estrutura física de seu cérebro, é diferente das dos imigrantes digitais. (PEÑA-LÓPEZ, 2007 apud SALLES, 2007, s. p.)

<sup>4</sup> Nativo Digital: <http://www.youtube.com/watch?gl=BR&hl=pt&v=iofw-6NsrjA>

<sup>5</sup> Blog sobre Educacion y Cultura - <http://blogs.creamoselfuturo.com/educacion-y-cultura/2007/06/08/nativos-digitales/>

Eliane Schlemmer<sup>6</sup>, citada por Frizero Barros, diz: “é a geração do ‘para aprender, tem que mexer’. *Internet, Wikipedia, Google, MSN, Blog, Orkut* e tantas outras ferramentas que entraram recentemente em nosso mundo não exigiram das novas gerações nenhum curso específico ou formação continuada” (SCHLEMMER, 2006, apud BARROS, 2006, s. p.).

Gary Hamel<sup>7</sup>, citado por Tofani (2009, s. p.), apresenta as 12 características<sup>8</sup> principais dos nativos digitais, que devem ser de conhecimento de todos que pesquisam o assunto. Lynn Alves (2008), apresenta resultado da pesquisa sobre a “Geração Joystick”:

(...) realizada pelo Grupo Foco, em agosto de 2005, com 25 mil jovens na faixa etária de 18 e 25 anos, que vivem nas cinco regiões brasileiras. Ao serem indagados sobre as atividades que realizam simultaneamente quando estão no computador, registraram que ouvem música (60% dos entrevistados), fazem trabalhos escolares (52%), conversam com outras pessoas (51%), falam ao telefone (36%), estudam (31%), vêem TV (27%), lêem revistas (23%) e realizam outras ações diferentes das pontuadas acima (2%). (ALVES, 2009, s. p.)

Notamos que a geração digital pode ser considerada como “multitarefa”, pois consegue realizar várias atividades ao mesmo tempo, conforme afirma Elis Monteiro:

Eles são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interação mais uns com os outros; ‘acessam-se’ mutuamente para depois se conhecer pessoalmente. (MONTEIRO, 2009, s. p.)

O aprendizado dos nativos digitais em relação à tecnologia e sua característica multitarefa são questões que, normalmente, as gerações anteriores não conseguem desenvolver esta capacidade com facilidade, apesar de sempre existir exceção.

A interatividade e a interconectividade, favorecidas pelas tecnologias digitais, pela cultura da simulação, presentes nas comunidades virtuais e jogos eletrônicos, vêm também contribuindo para a instauração de uma outra lógica que caracteriza um pensamento hipertextual (...), interagindo com várias janelas cognitivas ao mesmo tempo. Aqui, não existe uma preocupação com a duração da atenção dedicada às atividades. O importante é a capacidade de realizar multitarefas, fazer simultaneamente diferentes coisas. (ALVES, 2009, s. p.)

Frizero Barros concorda com Eliane Schlemmer ao citá-la novamente:

Nossos alunos aprenderam tudo isso de forma interativa - perguntando aos amigos, virtuais ou não, como se trabalhava com esta ou aquela ferramenta; nenhum deles fez *intensivão* de *Orkut* ou tirou diploma de *MSN*. Em resumo, nossos alunos são muito mais próximos à interatividade em ambientes digitais que nós mesmos, que vimos essa tecnologia surgir, que acompanhamos a transição entre a máquina de escrever e os primeiros - e limitadíssimos - computadores. (SCHLEMMER, 2006, apud BARROS, 2006, s. p.)

Alguns ambientes Web disponibilizam uma série de apresentações de slides que mostram com bastante clareza a questão do nativo digital. Um deles é o Blog Web para

<sup>6</sup> Os Nativos Digitais e Nós, os Imigrantes Digitais: <http://linguafranca.blog.com/?page=3>

<sup>7</sup> Blog do The Wall Street Journal - <http://blogs.wsj.com/management/2009/03/24/the-facebook-generation-vs-the-fortune-500/>

<sup>8</sup> Características dos nativos digitais: <http://blog.ftofani.com/2009/12-caracteristicas-dos-nativos-digitais/>

Educadores que mostra dados referentes à memória, inovação, busca, sociabilidade e leitura do Nativo Digital<sup>9</sup>, postado por J. Erigleidson (2007).

O conceito e as habilidades dos nativos digitais podem ser encontradas na apresentação Nativos e Imigrantes Digitales<sup>10</sup>, do professor Raymond Marquina (2008) e alguns de seus alunos. Sobre o aprendizado a distância dessa geração, podemos consultar a ótima apresentação Elearning y Nativos Digitales<sup>11</sup>, do IV Simposio Pluridisciplinar sobre Diseño y Evaluación de Contenidos Educativos Reutilizables (SPDECE, 2007) da Espanha.

Porém, segundo Alejandro Piscitelli, deve haver certo cuidado na conceituação geral sobre os nativos digitais. Ele afirma que:

Os nativos digitais não são uma divisão geracional. Há quem possa se passar por nativo, ainda que não sejam muitos, e há jovens que podem passar por imigrantes. A distinção é uma questão de capital cultural e simbólico que se liga a outros valores e competências. Estamos vivendo uma transição epocal em termos de alfabetização e valores culturais. E há uma luta cultural profunda. O velho paradigma morre quando morrem seus cultuadores. (PISCITELLI, 2009, s. p.)

Já como “imigrantes digitais”, Mark Prensky denomina todos aqueles que nasceram em período anterior à Internet e procuram incorporar a tecnologia no seu cotidiano, mas deixando sempre um rastro de sotaque analógico nos seus afazeres.

#### 4. ENSINO SUPERIOR ANALÓGICO

Para embasar os estudos sobre o tema em questão, mergulhamos no universo do didático-pedagógico dos ensinamentos superiores formais presenciais, abordando tanto as instituições de ensino como os seus docentes.

Encontramos muitos paradigmas rígidos existentes nas salas de aula universitárias formais, com suas fronteiras físicas e restrições de comportamento que criam um ambiente negativo para o interesse, a motivação e a construção do conhecimento por parte do aluno digital. Outra questão estudada foi a posição do professor como um imigrante digital, sendo necessária uma mudança de atitude e de perfil para entender a geração Internet e seus reflexos na prática pedagógica. Algumas pesquisas estão sendo feitas nesse sentido. Rubens Almeida traduz de forma muito interessante o “Ensino e a Aprendizagem em Tempos de Internet”<sup>12</sup>, mostrando as transformações por que passam todos os envolvidos no processo educativo.

<sup>9</sup> Blog Web: [http://webparaeducadores.blogspot.com/search/label/nativos digitais](http://webparaeducadores.blogspot.com/search/label/nativos%20digitais)

<sup>10</sup> Nativos e Imigrantes Digitales: <http://www.slideshare.net/raymarq/nativos-e-inmigrantes-digitales-presentation>

<sup>11</sup> Elearning y Nativos Digitales: <http://www.slideshare.net/otalavera/elearning-y-nativos-digitales>

<sup>12</sup> Ensino e a Aprendizagem em Tempos de Internet: <http://www.slideshare.net/lenitazen/o-ensino-aprendizagem-em-tempos-de-internet-presentation>

Segundo Fábio Tagnin:

Será que as escolas estão se tornando incapazes de preparar os estudantes para um futuro guiado pela tecnologia? Será que as crianças e jovens continuarão seus estudos com os mesmos livros e cadernos usados há 30 anos? Serão os professores capazes de mudar esse cenário e criar ambientes mais interativos, incorporando as características tecnológicas de informação sob demanda do mundo fora da escola? Essas perguntas não sabemos ainda responder. Mas, antecipando tal desafio, nos lançamos a experimentos visando não apenas manter a presença dos alunos na escola, mas também dar um salto no processo de aprendizado. (TAGNIN, 2008, s. p.)

A seguir, analisamos alguns aspectos sobre as instituições de ensino e os professores.

#### 4.1. Instituições de Ensino “1.0”

A Web 2.0<sup>13</sup> é um termo que serve para:

designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a ‘Web como plataforma’, envolvendo wikis, aplicações baseadas em folksonomia, redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações. (WIKIPEDIA, 2009, s. p.)

Na grande maioria dos ambientes em que vivemos e nos relacionamos nos últimos séculos houve uma grande transformação, com exceção da sala de aula. Elas continuam iguais às salas da época do ensino dos jesuítas em nosso país. Além disso, em sua maioria, continuam a transmitir o conhecimento para alunos passivos, como se fosse uma instituição de ensino do tipo 1.0, como era a primeira geração da web.

Além disso, o celular ainda é proibido em muitas escolas, que não aproveitam as propriedades desse aparelho tão amado pelo aluno digital, que não entende o porquê de sua proibição, já que é parte inseparável do seu ser social. Enquanto o professor explica algum assunto, o aluno poderia fazer uma pesquisa no Google usando o seu celular.

Algumas instituições inclusive proibiram o uso de celular, ou qualquer outro objeto eletrônico em suas dependências. Os jovens não compreendem a suspensão imposta pelas escolas na lógica moderna de estar constantemente conectado e acessível. Este pequeno exemplo nos mostra o quão incompreendidos eles se sentem em relação às pessoas das outras gerações, e vice-versa. (MACEDO e LIMOEIRO, 2009, s. p.)

As atividades de ensino devem se apoiar na interatividade, trabalhos em equipe e colaboração para auxiliar na motivação dos alunos da geração Internet. Os ambientes virtuais de aprendizagem possuem, em sua maioria, ferramentas síncronas e assíncronas e recursos diversos que propiciam a adoção desses itens na ação didático-pedagógica, empregando, ainda, o construtivismo e o sócio-interacionismo. O aluno pode construir o seu conhecimento juntamente com os demais, sempre com acompanhamento do professor.

<sup>13</sup> Conceituando o que é Web 2.0: <http://web2.0br.com.br/conceito-web20/>

O mundo digital trouxe para o ensino a necessidade de aprimorar, em verdade, “os espaços de comunicação, de interação, de construção coletiva, de aprendizagem, constituindo-se em verdadeiros espaços de convivência, a fim de provocar desenvolvimento humano-cognitivo, afetivo e social”. (SCHLEMMER, 2006, apud BARROS, 2006, s. p.)

Conforme Ribeiro (2009, s. p.), as escolas devem estar mais bem preparadas para propiciar o aprendizado de alunos nativos digitais que:

- Recebem e passam informação rapidamente, usando várias mídias;
- Usam várias aplicações ao mesmo tempo;
- Preferem as imagens antes dos textos;
- Fazem acessos aleatórios, não sequenciais, nas páginas hipermídia da web;
- Preferem jogos em vez de trabalho “sério”;
- Estão constantemente interagindo com os amigos nas redes sociais; e
- Colocam na rede seus próprios textos, fotos, vídeos.

#### 4.2. Professores Imigrantes Digitais

O professor tem que se atualizar e conhecer as possibilidades que a tecnologia pode trazer para a sua prática pedagógica. Segundo Paulo Freire, “o homem concreto deve se instrumentar com os recursos da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação.” (FREIRE, 1995 apud GUIMARÃES, 2003, p. 58)

Para Santos, a mudança tem que começar pelo professor:

Outra questão estudada foi a posição do professor como um imigrante digital, sendo necessária uma mudança de atitude e de perfil para entender a geração Internet e seus reflexos na prática pedagógica.(...) Além disso, em sua maioria, continuam a transmitir o conhecimento para alunos passivos, como se fosse uma instituição de ensino do tipo 1.0, como era a primeira geração da web. (SANTOS, 2009, p. 6-7)

De La Torre<sup>14</sup>, citado por Salles, afirma o seguinte:

O uso não racional, e inclusive falso em alguns casos, deste conceito está produzindo nos professores um sentimento de culpa ou complexo tecnológico que os faz ver os alunos como seres superiores na hora usar os novos procedimentos tecnológicos. Apesar de não se poder negar que os adolescentes de hoje em dia possuem uma grande facilidade no acesso às TICs, penso que os docentes têm muitíssimo a ensinar-lhes, neste campo também, por mais que nós não acreditemos. (DE LA TORRE, 2007 apud SALLES, 2007, s. p.)

Vejamos alguns exemplos de como muitos professores imigrantes digitais usam as tecnologias no seu cotidiano:<sup>15</sup>

- Necessitam mandar imprimir um texto digital quando querem alterá-lo, para depois digitar as modificações registradas no papel;

<sup>14</sup> El complejo de Mark Prensky - [http://www.adelat.org/index.php?title=el\\_complejo\\_de\\_mark\\_prensky](http://www.adelat.org/index.php?title=el_complejo_de_mark_prensky)

<sup>15</sup> Caldeirão de idéias: [http://nteitaperuna.blogspot.com/2009/02/nativos-versus-imigrantes-digitais\\_26.html](http://nteitaperuna.blogspot.com/2009/02/nativos-versus-imigrantes-digitais_26.html)

- A Internet é sempre a segunda fonte de informação;
- Lêem os manuais de dispositivos em vez de aprenderem com o seu uso;
- Imprimem os e-mails recebidos, para depois decidirem que ação tomar; e
- Convidam as pessoas para dar uma chegada à sua sala, para ver no computador um site interessante que acabou de localizar, em vez de mandar-lhes o seu endereço.

Outras apresentações em slides construídas por Faustini (2009), com o título de Entendendo os Nativos Digitais<sup>16</sup>, procura ajudar a conhecer melhor o aluno contemporâneo e suas capacidades.

O site Scribd apresenta uma tabela com a comparação entre as preferências dos estudantes nativos digitais e as dos professores imigrantes digitais.

<i>Estudantes nativos digitais preferem:</i>	<i>Professores imigrantes digitais preferem:</i>
Receber rapidamente informação de múltiplas fontes.	Transmissão de informação de forma lenta e controlada, com recursos a fontes limitadas como as aulas e os manuais escolares.
Realizar múltiplas tarefas em simultâneo (estudar, ouvir música, enviar mensagens).	Realizar uma tarefa de cada vez.
Aprender através de vídeos, imagens e sons em vez de textos.	Ensinar recorrendo ao texto do manual escolar.
Preferem chegar à informação de forma aleatória, explorando os hiperlinks de modo livre e caótico	Seguir o programa da disciplina e transmitir a informação de forma lógica e sequencial.
Estar conectados e interagir com muitas pessoas, em simultâneo.	Que os estudantes trabalhem sozinhos.
Aprender “just-in-time”.	Ensinar “just-in-case”.
Ser gratificados instantaneamente e receber prêmios imediatos.	Adiar as gratificações e os prêmios para o final do período ou do ano letivo.
Ser orientados para o jogo, preferindo aprender o que é relevante, imediatamente útil e divertido.	Ser orientados para o trabalho, limitando-se a cumprir o programa e a fazer os testes de avaliação.

**Tabela 1:** Comparação entre alunos e professores

**Fonte:** Estudantes nativos digitais<sup>17</sup>

José Manuel Moran afirma que o educador tem que sair da inércia e mudar:

Na educação, porém, sempre colocamos dificuldades para a mudança, sempre achamos justificativas para a inércia ou vamos mudando mais os equipamentos do que os procedimentos. A educação de milhões de pessoas não pode ser mantida na prisão, na asfixia e na monotonia em que se encontra. (MORAN, 2004, s. p.)

Para Jacques Marcovitch, ex-reitor da Universidade de São Paulo, citado por Renato M.E. Sabbatini no I Simpósio da Educação do Futuro, na Universidade de Campinas (2009): “haverá uma profunda mudança no papel do professor em relação ao aluno. O ensino será mais focalizado na construção do conhecimento pelo próprio aluno do que do ensino pelo

<sup>16</sup> Entendendo os Nativos Digitais 1: <http://www.slideshare.net/vfaustini/entendendo-os-nativos-digitais>

<sup>17</sup> Estudantes Nativos Digitais - <http://www.scribd.com/doc/9196803/Estudantes-Nativos-Digitais-Tabela>



professor”. Sobre as metas necessárias para a nova educação, nas quais o professor atual tem que levar em consideração, Sabbatini (2009) acrescenta:

- Reduzir muito o ensino expositivo em classe, reservando o ensino expositivo para atividades de alto impacto motivador e inspirador;
- Tornar o ensino mais dinâmico e participativo, usar mais tecnologia de informação;
- Envolver no ensino as tecnologias que os alunos usam e gostam;
- Tirar o aluno da classe, induzir, treinar e tornar possível e frutífero o aprendizado autônomo, mas supervisionado; e
- Promover e fomentar a socialização e o aprendizado colaborativo.

## 5. ENSINO SUPERIOR MILITAR

O ensino superior militar possui as suas particularidades e especificidades, tais como padrões rígidos de disciplina, que o diferencia do ensino de instituições civis, conforme Santos (2010, s. p.), do Departamento de Educação e Cultura do Exército:

O Art. 83 da Lei Nr 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece que o Sistema de Ensino do Exército Brasileiro é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.(...) Em virtude da especificidade da carreira militar, este princípio - o da autonomia - vem sendo executado ao longo da várias legislaturas. Graças a este postulado é que o Sistema de Ensino Militar tem conseguido caminhar rumo aos seus objetivos, ao longo de várias décadas. (SANTOS, 2010, p. 2)

O II Encontro Pedagógico do Ensino Superior Militar, realizado na Academia Militar das Agulhas Negras em 2010, cujo tema central foi “As transformações contemporâneas na Educação Superior Militar”, propiciou oportunidades de debates para o aprimoramento de questões voltadas para educação no âmbito militar, conforme mostraram seus objetivos:

As vertiginosas transformações contemporâneas nos diversos campos da atividade humana engendram novos cenários para a atuação das Forças Armadas. Nas últimas décadas, iniciativas vêm sendo tomadas no âmbito da educação militar, no intuito de alinhar os sistemas de ensino a tais demandas. O objetivo central do II EPESM consiste em apresentar e discutir estas transformações da educação superior militar brasileira, vislumbrando possibilidades de crescente aperfeiçoamento e evolução.(MINISTÉRIO DA DEFESA, 2010, s. p.)

Segundo a Divisão de Ensino da AMAN (2008, s. p.), existe uma “busca incessante pela modernidade e pela excelência do ensino, procurando a cada dia, novas técnicas para aperfeiçoar o binômio ensino-aprendizagem, procurando manter o padrão de qualidade”.

Quanto às exigências do mundo atual, a política educacional para o ensino superior militar, (AMAN, 2009, s. p.) destaca que nos dias de hoje, “atributos como criatividade, flexibilidade, capacidade de adaptação e iniciativa, nunca foram tão valorizados.”

Portanto, existem pesquisas para manter o ensino superior militar no contexto da sociedade, formando profissionais com requisitos necessários de auto-aperfeiçoamento e aprendizagem continuada, com mecanismos de motivação necessários para o crescimento profissional e formação cultural.

## **6. À GUISA DE CONCLUSÃO**

Com este artigo não se pretendeu esgotar o assunto, pelo contrário. Por ser um tema que evolui a cada dia por causa do avanço tecnológico, não se pode chegar a conclusões concretas. A idéia central foi o levantamento de tópicos que envolvem a questão com o intuito conhecer melhor a temática para poder buscar possíveis soluções para aproximar o ensino superior, tanto as instituições como os docentes, da geração Internet.

O nativo digital encontra-se imerso num ambiente tecnológico desde a sua infância, tendo contato natural com diversas ferramentas que fazem parte do seu cotidiano, realizando muitas tarefas ao mesmo tempo e estando constantemente conectado em redes sociais.

Já os imigrantes digitais, classe da qual fazem parte os docentes das instituições de ensino, estão se envolvendo com a tecnologia, uns mais do que os outros, porém carregando sempre uma bagagem analógica que deixa rastros nos seus afazeres. É um caminho sem volta mas que encontra uma série de resistências.

No ensino superior ainda existem estabelecimentos que não entenderam os impactos da tecnologia na juventude digital, continuando a ministrar aulas no modelo tradicional da mera transmissão de conhecimentos para um aluno que aprende de forma passiva. Algumas dessas instituições não estão investindo em hardware ou software e, principalmente, não incentivam seus docentes (peopleware) para uma prática educacional voltada para o emprego das tecnologias emergentes, tirando proveito do interesse do aluno pelo tema.

Os professores devem se manter atualizados, dinamizando as suas aulas com recursos tecnológicos do cotidiano, tais como Sites, E-mail, Twitter, Blogs, Sms, MSN, Orkut, ferramentas síncronas e assíncronas dos ambientes virtuais de aprendizagem, além de outros, buscando diminuir o afastamento dos alunos digitais de suas atividades escolares, motivando-os e incentivando-os, o que pode facilitar a construção do seu conhecimento. Além disso, o aprendizado através de pesquisa, colaboração e em equipes constitui-se em boa fonte de sucesso educacional para os alunos contemporâneos.

O meio militar tem demonstrado que existe uma grande preocupação dos seus departamentos educacionais com as diversas transformações por que passam a sociedade

contemporânea na cibercultura, tendo em vista as evoluções tecnológicas que reorientam o perfil dos profissionais em suas áreas de atividades, exigindo que eles tenham um aprendizado contínuo e motivação para o autodidatismo e pesquisa.

Espera-se que este artigo sirva de reflexão para mudanças de perfil, tanto das instituições de ensino como de seus docentes, pois a educação superior, mais do que nunca, precisa rever seus conceitos e paradigmas na busca de soluções para atrair seus alunos digitais de forma mais concreta possível, aproveitando a força de atração da tecnologia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Q. **O Ensino Aprendizagem em tempos de Internet**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/lenitazen/o-ensino-aprendizagem-em-tempos-de-internet-presentation>> Acesso em: 12 jun 2009.

AMAN. **Política Educacional: O Ensino no Exército**. Disponível em: <[http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=26&Itemid=43](http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com_content&task=view&id=26&Itemid=43)> Atualizado em: 08 abr 2009.

\_\_\_\_\_. **Divisão de Ensino**. Disponível em: <[http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=38&Itemid=94](http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid=94)> Atualizado em: 04 dez 2008.

AMARAL, João J. F. **Como Fazer uma Pesquisa Bibliográfica**. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>> Publicada em: jan 2007.

ALVES, Lynn. **Nativos Digitais: Games, Comunidades e Aprendiagens**. Disponível em: [http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm\\_materia\\_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v\\_nome\\_area=Artigos&v\\_id\\_conteudo=65515](http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=65515)> Acesso em: 11 jun 2009.

BARROS, R. Frizero. **Os Nativos Digitais e nós, os Imigrantes Digitais**. Digitais. Disponível em: <<http://locutorio.blog.com/1126142/>> Publicado em: 06 out 2006.

ERIGLEIDSON, José. **Nativos Digitais**. Disponível em: <http://webparaeducadores.blogspot.com/search/label/nativos%20digitais> > Publicado em: 16 set 2007.

FAUSTINI, Volnei. **Entendendo os Nativos Digitais**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/vfaustini/entendendo-os-nativos-digitais>> Publicado em: abr 2009.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GUIMARÃES, Luciano Sathler R. **Gestão de novas tecnologias no contexto educacional**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/atualiza1/material-de-apoio/livros/novas-tecnologias-no-contexto-educacional/lucianosathler.pdf>> Acesso em: 12 jun 2003.

MACEDO, Thiago V. R. & LIMOEIRO, Vinícius C. **Nativos digitais: os consumidores do futuro**. Disponível em: <[http://www.gm.org.br/novosite/upload/case/16\\_jobs1.pdf](http://www.gm.org.br/novosite/upload/case/16_jobs1.pdf)> Acesso em: 09 jun 2009.

MARQUINA, Raymond. **Nativos e Imigrantes Digitais**. Disponível em: <http://www.slideshare.net/raymarq/nativos-e-inmigrantes-digitales-presentation> > Publicado em: out 2008.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Objetivos do II EPESM**. Disponível em: [http://epesm.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49&Itemid=55](http://epesm.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=55)> Acesso em: 16 set 2010.

MONTEIRO, Elis. **Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/05/18/nativos-digitais-ja-estao-dominando-mundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-755911408.asp>> Publicado em: 18 mai 2009.

MORAN, Juan Manuel. **Educação e Tecnologias: Mudar para valer!**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/educatec.htm> >. Acesso em: 31 ago 2004.

PISCITELLI, Alejandro. **Hay que ser anfibios, híbridos y polialfabetizados**. Disponível em: [http://www.lavoz.com.ar/09/04/26/secciones/cultura/nota.asp?nota\\_id=511099](http://www.lavoz.com.ar/09/04/26/secciones/cultura/nota.asp?nota_id=511099)> Caderno Cultura de La Voz. Publicado em: 26 abr 2009.

RIBEIRO, Antônio Mendes. **Nativos versus Imigrantes Digitais**. Disponível em: [http://nteitaperuna.blogspot.com/2009/02/nativos-versus-imigrantes-digitais\\_26.html](http://nteitaperuna.blogspot.com/2009/02/nativos-versus-imigrantes-digitais_26.html)> Publicado em: 26 fev 2009.

SABBATINI, Renato M. E. **Evolução da Tecnologia na Sala de Aula**. I Simpósio da Educação do Futuro. Centro de Computação – Unicamp. jun 2009.

SALLES, Miriam. **Nativos e imigrantes digitais: um mito?** Blog sobre Informática Educacional e Meio Ambiente. Disponível em: <http://miriamsalles.info/wp/?p=373>> Publicado em: 27 nov 2007.

SANTOS, Ivan Soares. **Avaliação do Domínio Afetivo em Cursos Online**. 16º Congresso Internacional de Educação a Distância, ABED, 2010.

SANTOS, Miguel. C. D. **Os Alunos Nativos Digitais e o Ensino Superior Analógico: mais afastamentos do que aproximações**. IV Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação. AEDB, 2009.

TAGNIN, Fábio. **Computação 1 a 1: o desafio de guiar os nativos digitais**. Blog de Educação digital da Intel. Disponível em: [http://blogs.intel.com/educacaodigital/2008/07/computacao\\_1\\_a\\_1\\_o\\_desafio\\_de\\_guiar\\_os\\_nativos\\_digitais.php](http://blogs.intel.com/educacaodigital/2008/07/computacao_1_a_1_o_desafio_de_guiar_os_nativos_digitais.php)> Publicado em: 18 jul 2008.

TOFANI, Felipe. **12 Características dos Nativos Digitais**. Disponível em: <http://blog.ftofani.com/2009/12-caracteristicas-dos-nativos-digitais/>> Publicado em: 7 abr 2009.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Web 2.0**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0)> Acesso em: 12 jun 2009.